

“Decifra-me ou te devorarei”.
Enigma da Esfinge.

A Era do Conhecimento já começou, desafiando sociedades e seus governos a um novo modelo de desenvolvimento.

O Brasil possui extensa base física, ricas reservas minerais e condições privilegiadas de solo, clima e água. Vale dizer que reúne, em seu território, todas as condições materiais que possibilitam livrar a Nação brasileira de seus crônicos problemas sociais. Se isso ainda não aconteceu após mais de cinco séculos de colonização e independência é devido principalmente ao baixo nível cultural e educacional de grande parcela da população, que permanece intelectualmente escrava de seus colonizadores ou, como preferem alguns, dos neocolonizadores.

Se esse fator, por si só, é suficiente para justificar a história brasileira de eterno país do futuro, então devemos nos preparar para algo pior, uma vez que as perspectivas estratégicas para o século XXI indicam uma tendência à ampliação do abismo científico e tecnológico que nos separa dos países desenvolvidos.

Nesse contexto, as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) apresentam-se como uma nova esfinge e seu enigma. Isso porque, ao tempo em que seus produtos e serviços são vendidos com altíssimo valor agregado e em larga escala favorecendo os países desenvolvidos a disponibilização dessas tecnologias representa um novo e crescente desafio para os governos, pela necessidade crescente de proporcionar, aos seus cidadãos, o mais amplo acesso aos meios de informação e comunicação.

Telefonia fixa e móvel, televisão digital e acesso à internet são algumas das mais importantes TIC existentes, merecendo especial atenção.

A telefonia fixa é um dos serviços mais antigos e a política adotada tem sido a de integrar a totalidade do País. A privatização e o acompanhamento da Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL) têm contribuído para as metas de universalização. Hoje já são mais de 42 milhões de telefones instalados em quase 33 mil localidades. Embora seja importante atualmente, a telefonia fixa é um serviço em decadência, uma vez que a transmissão de voz está sendo progressivamente disponibilizada por outros meios.

A agradável surpresa parece ser o telefone móvel, ou celular, que tem se expandido a taxas impressionantes, considerando-se o poder aquisitivo médio do brasileiro. Dados da ANATEL revelam que, em novembro de 2005 havia mais de 82 milhões de assinantes. Uma impressionante média de um celular para cada 2,26 habitantes. Vale lembrar, contudo, as dificuldades geoeconômicas para a inclusão dos quase 2.500 municípios que, por não serem economicamente viáveis, não são abrangidos pelas concessionárias.

A TV digital é ainda uma promessa, mas com imenso potencial. O modelo brasileiro, recentemente aprovado pelo Ministério das Comunicações, deverá oferecer melhor qualidade de som e imagem do que a TV convencional presente hoje em aproximadamente 90% dos domicílios do País, segundo o IBGE. Além disso, e principalmente, disponibilizará adequada interatividade, ou seja, terá funções semelhantes à de um computador, que possibilita não só receber como também transmitir dados e informações. O serviço deve ser oferecido a partir deste ano (2006), por meio de aparelhos conversores, e estará disponível nos novos televisores a serem lançados pelo mercado.

Mas é no acesso à internet que reside, hoje, o maior desafio a ser enfrentado pela Nação. Os números vêm melhorando nos últimos anos, mas a passos mais lentos do que o desejável. O IBOPE e o Comitê Gestor da Internet no Brasil indicam que, nos últimos meses de 2005, quase 13 milhões de pessoas acessaram a internet, em cerca de 11% dos domicílios brasileiros. Uma pesquisa feita por amostragem revela também que mais de 96% das empresas com 10 empregados ou mais usam a internet e, nelas, cerca de 15% dos empregados tiveram acesso à internet, pelo menos uma vez por

semana, nos últimos doze meses.

É preciso, contudo, muito mais. O desenvolvimento mental e o volume de informações que os computadores e a internet proporcionam não encontram paralelo na história da humanidade. Investir maciçamente na inclusão digital, portanto, significa resgatar a histórica dívida cultural e educacional que o Estado tem com seus cidadãos e, mais ainda, a única maneira de diminuir o abismo que nos separa dos povos desenvolvidos.

Os problemas estruturais que assolam a escola pública de ensino básico não podem ser obstáculos para a educação com inclusão digital. Recursos públicos devem ser prioritariamente buscados, mesmo em detrimento de outros importantes setores. Além disso, a sociedade deve ser mobilizada, de modo a proporcionar, a todas as crianças, oportunidades de acesso aos computadores e à internet. O telefone celular poderá agregar novas funções e facilitar esse acesso.

Trata-se de investir em tecnologias oriundas dos países desenvolvidos ou negar o acesso a uma infinita gama de conhecimentos, hoje eletronicamente disponível. Não há enigma. Não há dúvidas. A melhor estratégia de verdadeiro e sustentável desenvolvimento social passa pela educação com qualidade e, esta, pela inclusão digital.